

A SITUAÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL EM 2005^{1*}

Por Denise Maurano

Membro do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro

Penso que a situação da psicanálise no Brasil em 2005 não é propriamente o tema de minha fala aqui, mas o assunto geral de nossos trabalhos de hoje neste Simpósio. Circunscreveremos o contexto no qual as entidades psicanalíticas resolveram se articular e se encontram aqui, numa mesma mesa de trabalho. Sem sombra de dúvida, isso é um evento histórico.

A reunião de representantes de entidades psicanalíticas, as mais diversas de todo o país, em prol da causa da defesa da psicanálise, entidades que tinham por costume, mais lutarem entre si que qualquer outra coisa, é creio eu, um passo e tanto.

Afinal, desde que os psicanalistas inspirados por Freud, se puseram a agrupar-se, a constituir escolas, logo surgiram disputas entre elas, das mais razoáveis, as mais irracionais.

Nessa perspectiva a situação atual da psicanálise não é diferente daquela que Freud nos expõe no texto de 1914 “Contribuições a história do movimento psicanalítico”. Nele transparece muito claramente a disputa entre o que ele chama de Escola de Viena e a Escola de Zurique.

Embora reconhecendo as contribuições prestadas por Jung e Bleuler, em aspectos teóricos e clínicos, mas, sobretudo no quesito difusão da psicanálise, questão aliás não relegada por Freud, este último se dedica a mostrar em que as teorias que eles vieram a construir não representam uma escola da psicanálise, mas sim, propostas alheias à psicanálise, como é o caso por exemplo, da psicologia analítica de Jung. Da mesma maneira, situa Adler, antes seu fiel colaborador, como tendo vindo a constituir a psicologia individual.

Nessa época, ele, com razão, combatia a idéia de que haveriam três escolas de psicanálise. E como o mestre faz isso? Ou seja, como ele tenta delimitar o que diz respeito à psicanálise e o que foge ao campo psicanalítico? Tentando enunciar claramente os postulados e hipóteses fundamentais da psicanálise. E, para nós, é extremamente interessante observar a estratégia utilizada por ele para situar seu trabalho, porque nesta, revela-se o passo-à-passo de uma invenção, não de uma descoberta.

A ciência esmera-se em promover descobertas. Descobrir é desvelar, tirar o véu de algo que já estava lá antes. Uma invenção tem outra natureza: porta, inexoravelmente, a marca de seu inventor. Por isso, não há psicanálise sem Freud. Não há psicanálise sem tudo o que circunscreve as contingências de sua criação. Não há psicanálise se a abordagem que se tem do sujeito não tomar em conta o psiquismo

¹● Palestra integrante da mesa: Articulação em debate
Simpósio Nacional: Psicanálise e Psicoterapia no campo da Saúde Mental
(UERJ, UFRJ, PUC/RJ) De 31/08 a 03/09/2005

como confrontado com o conflito entre os apelos da racionalidade consciente e as exigências indomáveis de satisfação sexual. Não há psicanálise sem que a tragicidade que perpassa nossas vidas encontre um lugar de expressão, e mais do que isso, de *savoir-faire*.

Nesse sentido, a situação da psicanálise no Brasil em 2005 não é diferente da descrita por Freud em 1914. Estamos todos no mesmo barco. Num barco onde a autorização para atuar na função de analistas não vem de nenhum diploma universitário ou de nenhuma titulação que seja. Em 1914, ou em 2005, não temos como recuar do risco de termos abraçado um ofício sempre prestes a ser enxovalhado. Mas então porque não regulamenta-lo, ou regula-lo de forma a dizer quem é e quem não é psicanalista? Simplesmente porque “o” psicanalista não existe, é uma função que pode ser assumida por alguém que para além de ter estudado teoricamente e feito suas supervisões, fez um percurso de análise que implica numa experiência que tem uma dimensão real, denominada por Freud de transferência. E será o modo como a dimensão viva da transferência foi processada e dissolvida em cada trabalho psicanalítico que possibilita ou não, o surgimento de alguém apto a sustentar a função de psicanalista. Estranha função de fazer-se meio para o Outro, e que responde a um desejo estranho e singular.

Nada garante que uma psicanálise termine por fazer advir um analista. Entre querer ser analista e estar apto para sustentar essa função há um largo passo. Não há como regulamentar a psicanálise de ninguém, não há como medir suas possibilidades. Fazer uma análise não é freqüentar um psicanalista. Ainda que este seja muito bom e renomado. Ainda que se faça isso por anos a fio. Nesse sentido, a transferência se constitui como um obstáculo para toda e qualquer regulamentação da psicanálise, porque uma análise só pode ser contada uma a uma, a partir do destino da transferência.

Mas então, o que fazer? Sentar e chorar o infortúnio de sermos expostos a sermos enxovalhados a cada ataque dos evangélicos, ou dos médicos, ou dos psicoterapeutas, ou de quem quer que seja?

Não! Por isso estamos aqui e temos com Freud o compromisso de tentarmos enunciar o mais claramente possível os postulados e hipóteses fundamentais da psicanálise. Ou seja, temos o compromisso de nos empenharmos em transmiti-la com todo o entusiasmo e rigor ético que ela merece. E não podemos esquecer de nos ocuparmos também de sua difusão, questão cara a Freud.

E, se ainda assim, não podemos garantir para o leigo, de maneira inquestionável, o reconhecimento de um bom analista, ou de uma boa escola de formação, podemos pelo menos fazer alguns alertas. Por exemplo: Vale divulgar que quando se trata de psicanálise a propaganda das garantias e facilidade encontra-se em proporção inversa à seriedade. Desconfiem das garantias e facilidade anunciadas.

Vale também observar se o trabalho psicanalítico é feito com independência ou se ele se encontra apenso, submetido a algum credo, religião, ou a alguma outra

disciplina, seja filosofia, medicina, psicologia, ou o que for. Porque uma coisa é a psicanálise dialogar com outras áreas, outra é submeter-se a elas.

Outro alerta diz respeito à função do psicanalista na transferência. Se ele não suportar escuta-lo na sua diferença, abstendo-se de apelar às identidades, abstendo a fazer comparações, dar “pitaco”. Ou seja, se a palavra dele não for “bem-dita”, te servindo de meio e não de fim. Se ela ao invés de te por a trabalhar, te impelir a alienar-se numa resposta que não é sua. Preste atenção e corra dele.

É claro que tais alertas não bastam. Temos que nos empenharmos em desenvolvê-los, difundi-los. Eles valeriam em 1914, como valem agora. No que tange ao que é fundamental na psicanálise nada mudou: A psicanálise foi inventada para tratar o mal de amor, porque num determinado momento da história do Ocidente a inflação da tematização do amor em nossas vidas fez mal e exigiu que se inventasse um tratamento. Pelo menos ainda, isso não mudou. Haja vista o destino dos “chats” na internet. E não me venham dizer que a questão do dinheiro veio a prevalecer, porque uma é reflexo da outra. O que a economia financeira vela é questão da economia amorosa.

Se é assim, não é à-toa que nos trópicos “calientes”, no Brasil, a psicanálise encontrou tão bem seu lugar e seu reconhecimento. Cabe a nós, aqui reunidos – e a novidade é essa, a nossa reunião – lutarmos, ao modo de bons vigilantes, para que ela permaneça no bom lugar que conquistou.

O que significa sustentarmos a “ Outra cena” , diante do apelo globalizante, espetacularizante, pasteurizador que se apresenta na atualidade. Isso sim, mudou de 1914 para cá. Mas, se as entidades psicanalíticas conseguirem se manterem unidas para isso, já esta de bom tamanho. Não precisamos mais acordos do que esse.

Em vários lugares do mundo não houve articulação e a psicanálise está pagando um preço alto, por isso. Tornou-se refém da psicologia ou da medicina. Vamos aqui apostar em nossa articulação. Apostar que podemos ter um melhor destino. Por que não?